



COMO POSSO NÃO RESOLVER O PROBLEMA?

Nenhum médico é capaz de curar a cegueira da mente.

Textos Judaicos

Para que eu possa reflectir sobre o texto que anexo, e que quem ler as minhas considerações possa tirar as suas próprias conclusões, transcrevo no final, e na íntegra, o artigo publicado no jornal Público sobre um tema hoje bastante badalado – a violência entre jovens.

Separar os assuntos da realidade e da evolução da história analisando-os à luz das suas convicções pode ter perigos se não formos suficientemente críticos sobre nós mesmos e se a seriedade intelectual estiver impregnada de doutrinas políticas e sociais que pretendem colocar o homem ao serviço do Estado e não ao serviço de valores humanistas que têm de ter como base a família.

Se olharmos os últimos acontecimentos que vão da simples agressão ao crime de morte, entre jovens, diremos se formos Freudianos: *É um desejo recalcado que os impede de dar vazão ao incesto com a mãe.* Se formos seguidores de G. Jung: *É um problema de inconsciente colectivo do grupo.* Se formos apologistas de A. Adler: *É uma questão de relações de poder.* Se tivermos tido o cuidado de sermos mais rigorosos, menos política e socialmente aceites, e tivermos lido V. Frankl, então vamos concluir: *Não têm sentido para a vida.* Essa é a questão, sem desprezar e colocar no devido local as outras abordagens.

Pois é. Os jovens não têm hoje um verdadeiro sentido para a vida a não ser que ele possa ser enviado por SMS para a rede Social e se possa fazer um selfie, e isto não é por culpa deles.

A evolução da sociedade capitalista e a ganância do capitalismo selvagem e de elites medíocres, aprofundou a miséria das populações obrigando a família a ter de concentrar o seu tempo útil nos mecanismos de produção para produzir lucro e assim aumentar o seu “bem-estar” comprando os produtos que o mesmo capitalismo cria, afastando os pais das crianças, impedindo a evolução normal daquilo que é fundamental para o Ser Humano, não o telemóvel, mas os afectos, forma de desenvolver algo perigoso: a inteligência e a capacidade crítica. É a nova escravatura com uma corrente mais extensa.

A religião de Estado, o ateísmo, condena e retira a possibilidade de educação moral e religiosa pois ela ofende os direitos dos não religiosos, garantindo assim que não haja limites para o que se quer e pode fazer, pois tudo é “normal”, especialmente se for anti-religioso e apologista de uma visão hedonista de vida.

A violência vende produtos através da criação de protótipos sociais bestializados, idealizados e centrados na violência, sexo e riqueza.

O papel da família é hoje colocado na mão de “especialistas” que sabem o que é necessário para o bem-estar, equilíbrio e normalização do Ser Humano, nomeadamente através da “integração” do outro nos padrões “normais/normalizadores” que são naturalmente transmitidos pelos meios de “comunicação” social e pelas políticas escolares de grupos políticos que insidiosamente vão reformatando a ideia de família, garantindo que estamos a obter cada vez mais liberdade (para colocar a cabeça no cepo).

Reduzir o problema da violência nas escolas a questões de poder, como se fossemos uns simples macacoides (com o devido respeito pelos macacos), é dizer que afinal neste tempo todo ainda não criamos as condições para sermos mais que simples bandos de criaturas que grunhem e que mostram o traseiro perante o indivíduo alfa. É ignorar que o homem tem uma consciência que está sobre pressão para que a perca, e assim não ter capacidade de escolha e reaja às coisas de uma forma básica, primitiva, agressiva e consumista.

A visão adleriana da senhora reduz o problema a um tecnicismo social que pelas suas características e pelas características da sociedade em que vivemos nunca terá incorporada uma solução eternizando-se a necessidade de estar um macaco por cima dos outros. Reafirmo: O problema não é o poder, é a falta



de sentido para a vida, das crianças e dos pais delas e isso corrige-se na relação familiar e numa visão moral da vida.

À criança fraca compramos uns ténis de marca e ela fica integrada, e ao jovem forte não lhe vamos dar moral pois isso é alienante. A pobreza é um “estigma horroroso” e é normal que os jovens vejam os pobres como inferiores. São as mensagens que de alguma forma são transmitidas. Se há uma visão errada sobre estas questões, e a senhora o afirma, talvez seja porque as crianças são ensinadas a ver as coisas de uma certa forma, não é que isso seja natural nelas, e mesmo que o fosse há um papel das famílias (que não podem fazer porque estão ocupadas em fazer dinheiro) de educar, dar valores morais e humanistas.

Para que a família retome o seu papel há mecanismos sociais que devem garantir que ela tenham condições para funcionar, haja tempo para que ela exista mesmo e que a educação não seja um papel do Estado mas do núcleo familiar. Ao Estado cabe garantir que a família seja protegida e garantir que as escolhas que a mesma faça, sejam respeitadas e que não têm de ser “politicamente correctas” de acordo com a visão dos grupos políticos e económicos, mas de acordo com a defesa da vida e da dignidade humana.

É isso que se pretende? Sim. É isso que é proposto, ou que acontece? Não!

Segue-se o texto.

“OS MIÚDOS APRENDEM QUE A PESSOA MAIS AGRESSIVA É QUEM TEM MAIS PODER”

CATARINA GOMES 24/05/2015 - 10:53

"Houve uma necessidade evolutiva de uma hierarquia e de agressão. Já não precisamos destes comportamentos para sobreviver mas eles persistem", diz a especialista norte americana em bullying, Sheri Bauman.

A psicóloga Sheri Bauman é especialista em bullying

UM JOGO PARA CRIAR EMPATIA, OUTRO PARA ENSINAR OS PAIS

Sheri Bauman, psicóloga norte americana especialista em bullying, esteve em Portugal como oradora do Seminário “Estratégias e medidas de prevenção do bullying e do cyberbullying”, no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, em Lisboa. Trabalhou em escolas públicas durante 30 anos, é professora na Universidade do Arizona e tem várias investigações sobre as respostas dos professores ao bullying. Lamenta que ainda hoje haja docentes que recebem denúncias de alunos com respostas como “não sejas queixinhas”.

EXISTE UMA HISTÓRIA DO BULLYING?

Pode-se dizer que existe bullying desde que há seres humanos na Terra. Mas a primeira investigação é da década de 1970, na Noruega, foi levada a cabo por Dan Olweus [professor de psicologia], que se interessou pelo problema depois de ter havido três suicídios de crianças numa escola, que se descobriu que estavam ligados, estavam a ser vítimas de bullying. Foi um caso que galvanizou o país. Quando se começou a investigar a questão em termos científicos constatou-se que havia muitos mitos e mal-entendidos sobre esta questão que não faziam qualquer sentido.

POR EXEMPLO?

Aceitava-se o bullying como algo normal, dizia-se coisas como: ‘toda a gente passa por isso e ultrapassa’, ‘faz parte do processo normal de crescimento’, ‘eu passei por isso fiquei mais forte’, ‘só os rapazes é que são bullies’. Não se fazia nada para o impedir porque não era visto como uma coisa importante, Se toda a gente passa por isso porquê preocuparmo-nos?



DESCOBRIU-SE ENTÃO QUE HAVIA MOTIVO DE PREOCUPAÇÃO...

As investigações mostraram que está associado com a depressão, com o isolamento dos pares, com ansiedade. Constatou-se que os agressores têm mais probabilidade de virem a desenvolver comportamentos de delinquência juvenil, de virem a ser presos em adultos.

É POSSÍVEL TRAÇAR UM PERFIL DA VÍTIMA DE BULLYING?

Crianças mais pequenas, mais fracas, mais tímidas, deprimidas e ansiosas, que não têm boas competências sociais, que podem não ter as vantagens de outras crianças, por exemplo, se toda a gente anda com uns sapatos de marca e a criança não tem dinheiro para os comprar... É a criança isolada sem amigos, sozinha.

AS INVESTIGAÇÕES DIZEM QUE HÁ GRUPOS ESPECÍFICOS QUE TENDEM A SER ALVOS PREFERENCIAIS...

As crianças com algum tipo de deficiência, que andam na educação especial, que têm direito a senhas de almoço na escolas, que são vistas como sinal de pobreza, migrantes tendem a ser alvo de bullying com mais frequência do que outras crianças.

É O SER DIFERENTE?

O que é determinante é ser a minoria. Mas tudo depende do contexto. Conduzi um estudo numa escola onde a maioria da minha amostra eram miúdos brancos de origem anglosaxónica e havia uma minoria de hispânicos e estes, neste caso, tendiam a ser mais vítimas de bullying. E encontrei o contrário, numa pesquisa que fiz numa escola junto à fronteira com o México, onde a maioria dos alunos eram mexicanos, eram os brancos que tendiam a ser mais vitimizados. Existe uma necessidade para a conformidade e quem ameaça isso, no sentido de que 'somos todos iguais', tende a ser mais vitimizado.

É A LEI DA SOBREVIVÊNCIA, COMO NO INÍCIO DOS TEMPOS.

É a lei dos mais fortes. Se pensarmos nos primeiros seres humanos a existência de uma hierarquia era importante. Se há um grupo de famílias que vive na nossa caverna e chega um agressor de outro grupo de famílias, ou um tigre para nos atacar, não temos tempo para decidir 'como é que nos podemos organizar?'. Não, precisamos de saber que 'x' é o topo e nós fazemos todos o que ele disser. Houve uma necessidade evolutiva de ter uma hierarquia. A necessidade de agressão, de hierarquia foi muito importante para os grupos sociais. Mesmo que hoje já não seja tão importante persiste, torna-se um traço das interações sociais. Todos os nossos governos são hierárquicos. Já não precisamos destes comportamentos para sobreviver mas eles persistem.

COMO SE CONTINUÁSSEMOS A SER PRIMÁRIOS?

Os miúdos são óptimos a observar quem é o mais poderoso. Quando vêem que a pessoa mais agressiva tem mais poder, vantagens, melhores empregos, assimilam 'este é um comportamento útil, vou imitá-lo'. Temos todos estes programas e intenções para ajudar os miúdos a melhorarem os seus comportamentos e queremos educar os nossos filhos a tratarem-se uns aos outros de forma bondosa, mas, nos Estados Unidos, os políticos, as celebridades são o oposto do que queremos ensinar os nossos filhos a ser. É uma contradição, é confuso. O que eles vêem à sua volta é exactamente o oposto do que lhes queremos ensinar.



NAS SUAS INVESTIGAÇÕES CONSTATA QUE MUITOS MIÚDOS VITIMIZADOS NÃO CONTAM AOS ADULTOS. PORQUÊ?

Eles sentem que ainda correm o risco de serem vistos como queixinhas. Contar a alguém é visto como um acto de cobardia. Alguns acreditam que os professores não são úteis. Que contar pode piorar ainda mais as coisas e eles não querem correr esse risco.

O QUE É QUE OS ADULTOS PODEM FAZER, NESTE CASO OS PROFESSORES, PARA MELHORAR A SITUAÇÃO QUANDO AS CRIANÇAS A DECIDEM DENUNCIAR?

Uma das formas de agir que as investigações provaram que os miúdos valorizam é quando o adulto diz que vai agir, e depois faz o follow up, dois dias depois, uma semana depois. A seguir, o comportamento que se comprovou ser mais útil é simplesmente ouvi-los, mostrar preocupação, é eles entenderem que são levados a sério.

EM VEZ DE DESVALORIZAR...

Se um miúdo tem uma pequena borbulha e diz que lhe chamam “cara de pizza”, como me aconteceu a mim quando era pequena, responder ‘isso é uma palermice’ não ajuda. Tem de se tentar perceber até que ponto a criança se sente humilhada e com medo. É importante perguntar-lhe até que ponto isso a perturba e não pressupor que a situação só é grave quando a criança está a ser agredida violentamente. A seguir, o que mais ajuda é aconselhar. O professor pode não intervir publicamente na aula, pode dizer apenas ‘talvez se tentares isto’ e depois falamos outra vez para ver como correu. Muitas campanhas antibullying nas escolas incluem apresentações na aulas, trazer um orador para falar sobre o assunto, a investigação diz que este tipo de iniciativas não tem grandes efeitos.

HÁ COMPORTAMENTOS DOS ADULTOS QUE TORNAM AS COISAS PIORES?

Há coisas completamente contraproducentes. Não ajuda dizer-lhes ‘estás a ser queixinhas’ e isso acontece, por mais que nos surpreenda. Eu sou testemunha-perita num julgamento que está a decorrer em que um miúdo de 11 anos se suicidou, e uma das professora a quem ele se queixou disse-lhe ‘para de te queixar a toda a hora’. Não se trata de queixar, é reportar, denunciar. Era um miúdo com fenda palatina que mesmo depois da cirurgia ficou com uma voz assobiada. Tinha havido queixas de bullying à directora, registo de trocas de emails dos pais com professores e nada se fez.

HÁ ADULTOS QUE IGNORAM?

Muitos estudos dizem que 8% a 10% das denúncias feitas aos professores são ignoradas. E ignorar a denúncia e pensar que ‘faz parte do processo de crescimento’ é das coisas piores que se pode fazer nestes casos. Os currículos dos cursos de professores raramente contemplam as questões do bullying em profundidade. Passa-se algum conhecimento de background, diz-se por exemplo que há formas sociais, verbais ou físicas de bullying, mas não se dá ferramentas para lidar com o problema.